

EM ISRAEL, ARTE À BEIRA DO CAMINHO



A figura ao lado tem mais de 10 mil anos e foi encontrada por acaso em Israel, esta semana. A Autoridade de Antiguidades de Israel ainda não datou a peça que, por suas características, foi obra

de algum dos muitos povos neolíticos que habitaram o Oriente Médio. Operários encontraram esta e mais dezenas de outras figuras de pedra durante as obras para a ampliação de uma rodovia.



SOCORRO PARA O TEMPLO DE UMA RAINHA

Dois antigos templos hindus são vistoriados na cidade de Viramgam, na Índia. Os templos fazem parte de um complexo que inclui um reservatório, construído por ordem da rainha Minaldevi, na primeira metade do século XI.

Exemplos raros de uma arquitetura rebuscada para sua época, eles foram severamente afetados por um terremoto na província de Gujarat, em 2001. Abandonados por mais de uma década, só agora começam a ser restaurados.

ENTREVISTA Lilia Schwarcz

‘O Brasil aumentou a inclusão, mas falha muito na imagem republicana’

Historiadora alerta que é preciso investir no fortalecimento das instituições e se livrar do exotismo

— SÃO PAULO —

Historiadora e antropóloga, professora das universidades de São Paulo e Princeton, nos EUA, Lilia Schwarcz chamou um time de notáveis para organizar a coleção “História do Brasil Nação: 1808-2010” (Objetiva). Em seis livros — o terceiro acaba de ser lançado —, o projeto concebido pela espanhola Fundação Mapfre busca uma inserção inédita do Brasil na realidade histórica de seus vizinhos.

MARIANA TIMÓTEO DA COSTA
mariana.timoteo@oglobo.com.br

● **Por que ainda é tão difícil o Brasil entender os vizinhos e vice-versa?**

O Brasil ficou muito apartado da América Latina por conta de uma série de elementos. Primeiro, foi uma colônia portuguesa, a língua o distinguia dos demais e foi fundamental nesta divisão. Depois, enquanto os vizinhos buscavam a independência — e esta era basicamente moldada sob ideais republicanos, pensados sob a Doutrina Monroe (1823) —, o Brasil optou por uma saída conservadora, manteve a monarquia. E o Brasil ainda foi o último país a abolir a escravidão no Ocidente. O sistema político adotado, a manutenção da escravidão negra, as dimensões continentais e a vocação imperialista do país, intensificada com a Guerra do Paraguai (1864 a 1870), geraram muita desconfiança entre os vizinhos e foram nos isolando. Sempre houve muita suspeita de parte a parte. Só no último volume da coleção (que cobre de 1960 a 2010) é que a gente vai ver esta relação se construir, mesmo assim não de forma consolidada. Até hoje não é.

● **E o que mudou para esta aproximação começar?**

Não há um fator específico, mas a própria mudança no cenário internacional. O Brasil surgiu como potência, como um modelo viável num momento em que as democracias consolidadas ocidentais enfrentam crises. O Richard Morse teve a ideia de pegar a América Latina não como um espelho invertido e cruel dos países metropolitanos, mas uma região que pudesse representar uma opção diferente para o mundo. Já vejo uma movimentação, especialmente na Europa e nos EUA, de pensadores começando a tratar o Brasil sem exotismo. Isso também é um exercício para os brasileiros, pensar os vizinhos dentro de suas realidades complexas, não exotizar e simplificar uma figura como o (presidente da Venezuela) Hugo Chávez, buscando entender o porquê do surgimento de um Chávez. Além disso, tratando de seus próprios males, enfrentando seus desafios que são muitos.

● **Por que integrar é importante?**

Mais importante é entender, estudar. Há experiências que são comuns. Os países sul-americanos passaram por processos de independência num mesmo momento, por dificuldades



Biblioteca notável. Em casa, Lilia Schwarcz passa horas cercada por seus milhares de livros. Para ela, país ainda precisa amadurecer a relação com os vizinhos latino-americanos



Momento histórico. A Proclamação da República pintada na tela de Benedito Calixto



A abolição. Discussão de cotas é parte de um passado que insiste em se apresentar

▼ PERFIL

TRABALHO E SONHOS ENTRE OS LIVROS

Lilia Schwarcz, 54 anos, vive entre São Paulo e Nova Jersey. Como professora da USP e de Princeton, lidera intercâmbios entre as duas universidades e cuida, ao lado do marido Luiz Schwarcz, de uma das principais editoras do Brasil, a Cia. das Letras. Ao organizar a coleção “História do Brasil Nação: 1808-2010”, trabalhou na concorrência, na Objetiva. Diz que foi uma “experiência enriquecedora” e

que “aprendeu a ter um editor”, fazendo elogios a Roberto Feith.

Na bela casa em que divide com Luiz e três cachorros, ela passa horas na biblioteca e só consegue dormir lendo romances ou quadrinhos. Gostou muito de “Serena” e agora relê “Reparação”, de Ian McEwan.

— Não tinha gostado muito da primeira vez, estou dando outra chance — conta a historiadora.

parecidas, temos uma corrupção quase endêmica. Somos todos países com vocação para a mestiçagem como projeto nacional forte. Nossa historiografia foi, durante muito tempo, centrada em nossa própria experiência, um projeto comparativo ajudará a entendermos nossa realidade.

● **Como o Brasil era pensado antes?**

A Academia americana, até o início dos anos 2000, só queria saber do Brasil exótico, do samba, do carnaval, da capoeira. Depois, veio o “efeito Cidade de Deus” (filme de 2002), o Brasil da violência social. São dois lados de uma mesma moeda, porque aí você também estetiza a violência. O lugar de um país como outro qualquer, com seus problemas, é um lugar bastante novo para o Brasil. Meu medo é que o Brasil não aproveite este momento, porque ao mesmo tempo em que se tornou a sexta economia do mundo, continua a ser um dos países mais desiguais de toda a América Latina. Os impasses são enormes.

● **Os processos da independência impopular, da abolição da escravidão de cima para baixo... Como a História pode explicar problemas enfrentados atualmente pelo país, como a corrupção e a desigualdade?**

Acabei de ler uma peça de Tennessee Williams em que um personagem afirma: “O passado insiste em se apresentar no presente”. A experiência histórica insiste em se apresentar até hoje. Nossa independência não foi obtida por meio de um processo de luta. Somos uma República cujo Hino Nacional é o hino de um império, “ouviremos o Ipiranga as margens plácidas”. O Hino da República diz: “nós nem cremos que escravos de outrora tenha havido em tão nobre país”. A escravidão tinha acabado há somente um ano e meio e já queriam apagá-la totalmente do nosso passado? Quando você faz uma abolição da forma com que foi feita, como uma espécie de dádiva, e não prevê nenhum tipo de ressarcimento aos escravos... Hoje discu-

timos cotas raciais, mas isso era discutido lá atrás. O fato é que no Brasil não existiu muita luta popular, não tivemos processos revolucionários e ficamos carentes de lutas civis, de um processo maior de formação de cidadania. Nosso passado coronelista e escravocrata não surgiu gratuitamente, assim como não é sem motivo a predominância das elites nas tomadas de decisão, tudo isso se reflete no atual abismo social.

● **No volume que aborda a fase inicial da República, antes de Getúlio Vargas, ela é tratada como Primeira República e não como República Velha. Por que?**

Apesar da carência de movimentos populares, a primeira fase da República contou com mobilizações ativas de luta pela cidadania, embaladas pelo abolicionismo, pela chegada dos imigrantes, pela urbanização, pela industrialização. Foi uma época vibrante que a historiografia oficial normalizou como República Velha, nome que a desmerece. O termo República Velha foi uma criação de Getúlio Vargas para colocar tudo na conta do Estado Novo, que era ele. Getúlio pensava o Brasil como República somente a partir dele, e os historiadores seguiram isso. A linguagem carrega convenções culturais poderosas. Primeira República é um nome mais adequado.

● **E o que ainda falta para a República brasileira se consolidar?**

O Brasil tem se sofisticado consideravelmente e aumentado a inclusão, mas ainda falha muito na sua imagem republicana. Lá fora, quando eu falo que o Brasil não é um país de inclusão social, eles retrucam: “Como não? E o samba? O futebol?”. Não dá para negar que existem áreas de inclusão social, mas é só pegar o censo, é só analisar os recentes dados de desigualdade apresentados pelas Nações Unidas. O Brasil combina inclusão e exclusão de maneira perversa. Para reverter este relação, temos que investir no fortalecimento de nossas instituições. ●

MICHEL FILHO